

# **SERIA O AMBIENTALISMO A GRANDE NARRATIVA DA CONTEMPORANEIDADE?**

## **WOULD THE ENVIRONMENTALISM BE THE GREAT NARRATIVE OF CONTEMPORANEITY?**

**Ronan Rebouças Caires de Brito**

Professor Adjunto do Departamento de Botânica do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia-UFBA, professor de Ecologia na Sociedade Contemporânea e pesquisador em Cultura e Meio Ambiente  
ronan@ufba.br

### **Resumo**

A natureza, que sempre foi um objeto de inspiração e contemplação, tornou-se hoje uma preocupação, dando origem às várias formas do ambientalismo, que vem se espalhando como um discurso de alcance universal, talvez o de maior magnitude nos últimos cinquenta anos. Discute-se agora um novo espaço/tempo, uma classificação para a cultura, uma passagem ainda com fisionomia desfocada, entre o que se chamou de modernidade e a contemporaneidade. Fala-se de um momento escorregadio, de poucas certezas ou verdades e sem grandes interpretações nem soluções universais. No entanto, as civilizações quando provocadas, sejam pelas guerras, dominações, conflitos de classes, desastres naturais, ou até mesmo por novas ideias, reagiram de alguma forma, e propostas de soluções apareceram, sendo algumas de grande amplitude. Isto não está sendo diferente agora e o ambientalismo surge assim como uma dessas respostas frente à atual crise civilizatória da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Ambientalismo. Cultura. Classificações. Contemporaneidade. Desenvolvimento Sustentável.

### **Abstract**

Nature has always been an object of inspiration and contemplation but it became a matter of concern nowadays, leading to the rise of several forms of environmentalism, spreading globally as unifying discourses, perhaps the widest in the past fifty years. A new space/time cultural classification is now discussed a dimmed passage between modernity and the so called contemporaneity. A new liquid and slippery moment is now been considered, without clear certainties or universal truths. However, whenever civilizations were disturbed, whether by war, social conflicts, natural disasters, class dominations, or even by new ideas, reactions came up from societies and some were recognized as great unifying narratives. Today it is not much different and environmentalism arises as one of these universal responses facing the crises of contemporary civilization.

**Key words:** Environmentalism. Culture. Classification. Contemporaneity. Sustainable Development.

## **INTRODUÇÃO**

Esse artigo está centrado na discussão do ambientalismo como uma das principais narrativas do mundo contemporâneo, e como tal, será necessário considerá-lo no âmbito do seu alcance universal. Para situar o ambientalismo como uma narrativa importante na atualidade será preciso compreender o papel das classificações no contexto da história e como alguns pensadores compreendem o mundo contemporâneo, considerando-o um espaço-tempo sem as grandes ideologias universais que caracterizaram a modernidade. O ambientalismo vai de encontro a essas afirmativas, reforçam-se as suas características de ideologia e demonstram-se a sua amplitude e trânsito através dos diversos estratos das sociedades.

Uma reflexão sobre o panorama ambiental atual é necessária, principalmente para situar as diversas formas de reação que agora aparecem com mais intensidade, com possibilidades de construir alternativas para uma nova cultura de desenvolvimento. Segundo o Relatório Ecosistêmico do Milênio (2005) e posteriormente o relatório do IPCC (2007) a partir mais acentuadamente da década de 50 do século passado, a humanidade exerceu uma pressão sobre os recursos naturais provocando perturbações que não têm registros semelhantes na sua história. Áreas cultivadas onde pelo menos 30% da paisagem original foram modificadas, cobrem hoje 24% de toda a superfície do planeta. Em um cenário bastante otimista, o acúmulo de gases tecnológicos na atmosfera pode elevar as temperaturas médias em até 2 C° até o final do século com reflexos profundos em todos os ecossistemas, mudanças de nichos econômicos e na indução de grandes migrações humanas. Nesse aspecto vale ressaltar a condição peculiar das Américas, que, diferentemente dos outros continentes, permite um trânsito franco por meio de terras férteis entre os dois hemisférios. Essa condição deixa a América do Sul particularmente vulnerável a possíveis ondas migratórias que podem surgir do norte em busca de novos nichos de negócios agrícolas, industriais, turismo e mesmo residenciais.

Enfrentamos hoje um dos maiores desafios da história recente do planeta. Outras épocas houve em que tectonismos colossais e derivas continentais, soergueram

montanhas, criaram mares e oceanos, extinguiram animais e plantas e criaram novos continentes. A arquitetura orbital da Terra vem provocando ao longo do tempo grandes mudanças no clima, com glaciações e degelos que modificam feições das zonas costeiras e alteram radicalmente a fisionomia dos ecossistemas. Essas alterações vão continuar com ou sem a presença dos humanos, a gigantesca capacidade de resiliência da Terra redimensionou e reformatou os cenários que se sucederam ao longo do tempo. O que se discute hoje não é o final da vida, provavelmente ela continuará se adaptando e interagindo com as novas circunstâncias ambientais que forem aparecendo. O fato preocupante é que este desgaste agora imposto poderá vir a perturbar de forma ainda não muito bem compreendida as relações ecológicas atuais em um tempo muito curto e poderá não permitir que adaptações possam ser factíveis para preservar as trocas entre a humanidade e a biodiversidade atual. Isto traz sérias consequências, uma delas é a redução e homogeneização desta biodiversidade com a reificação da natureza agora compreendida apenas como serviços. A seleção imposta na padronização das culturas agrícolas na Europa, por exemplo, garantiu uma produção eficiente, mas construindo para isto um mosaico de biodiversidade extremamente reduzida.

A produção de alimentos em economia de escala para sustentar uma população atual de sete bilhões de pessoas, fica encurralada entre dois grandes desafios. O primeiro é o espaço que precisa ser negociado com as florestas para a ampliação da agricultura. Neste mesmo contexto aparece ainda uma segunda escala de negociação entre a produção de alimentos e a de biocombustíveis face ao esgotamento em médio prazo das jazidas do petróleo que ainda não tem uma substituição técnica e economicamente viável para mover todas as máquinas que estão funcionando hoje do mundo. O segundo está no aumento da eficiência agrícola que encontra na modificação genética dos alimentos uma maior produção por unidade de área e controle seletivo de pragas. Essa eficiência, no entanto, é alcançada com alterações nos processos ecológicos por seletividade induzida, dependência aos monopólios das indústrias dos transgênicos e defensivos agrícolas, com o agravante do desconhecimento dos efeitos prolongados da ingestão destes alimentos sobre a saúde humana.

Se a produção dos alimentos assim modificados trazem estas preocupações, as

intervenções incidentes diretamente na estrutura do genoma humano, que apesar de estarem restritas ainda ao campo experimental e fortemente encapsuladas nos códigos civis e de ética atuais, já foram testadas com sucesso em outros animais. De um lado a medicina biomolecular, com enormes avanços na cura de distúrbios genéticos e a produção de células tronco. Do outro o que Baudrillard (2001) chamou de humanismo contemporâneo, diferente daquele do Iluminismo, agora voltado para a preservação da humanidade geneticamente desenhada. Habermas (2004) vai ainda mais adiante quando considera uma eugenia liberal, discutindo a ética do produto humano final e não apenas a da construção deste produto. Este novo ser fabricado ficaria legalmente desaparelhado e prejudicado na sua liberdade para se compreender como o autor único de sua existência, uma nova ética então começa a ser discutida.

Outra dimensão da problemática ambiental na contemporaneidade está na organização das cidades. O mundo tem hoje 24 cidades com mais de sete milhões de habitantes cada. As razões que levam a este super-dimensionamento encontram as mais variadas explicações na sociologia e antropologia urbanas, economia e no próprio urbanismo físico, contudo, ficam de fora dessas discussões as inquietações atávicas dos homens que precisam se sentir cercados por outros homens para, diante da incerteza angustiante e velada sobre a sua existência, procurar na alteridade um espelho para o seu próprio significado. Os humanos procuram as cidades para ver gente, sentirem-se seguros com a certeza de ter gente por perto, no entanto, paradoxalmente, mal cumprimentam os vizinhos quando sobem ou descem pelos elevadores dos prédios das grandes cidades. Todos sabem que a maioria das cidades não comporta mais carros, e mesmo assim as pessoas são estimuladas a comprar mais carros, seja pela sedução dos anúncios, seja pela facilidade de crédito e isenção de impostos oferecidos pelos governos. Seja qual for a razão, o fato é que as grandes cidades são insustentáveis e não existem até agora alternativas em escalas viáveis para o gerenciamento dos inúmeros problemas oriundos de tamanhas aglomerações.

Embora sem a pretensão de esgotar aqui os inúmeros desafios que o homem contemporâneo precisa enfrentar, já é possível avaliar a dimensão do problema que está posto. Ao tempo em que estes desafios demandam enormes esforços para serem revertidos ou atenuados, as sociedades quando provocadas geralmente começam a

preparar as suas respostas. Quando isto acontece por alguma causa maior, sejam as guerras, conflitos de classes, desastres naturais, ou até mesmo por novas ideias, elas reagem vigorosamente. Estas respostas saem em diversas direções, algumas se transformam em grandes narrativas unificadoras, as ideologias universais, outras têm alcance apenas local ou regional e outras ainda saem no campo da produção dos objetos.

Exemplos destas respostas na história moderna vêm das duas últimas grandes guerras. A despeito de todo o horror que causaram, houve um imenso impulso na ciência, criando os primórdios das comunicações modernas, transportes de longa distância e avanços na medicina, entre outros. A guerra de 1939 gerou as bases científicas que possibilitaram posteriormente as viagens espaciais e o desenvolvimento da energia nuclear. No campo das sociedades e da economia a guerra de 1914, que seria aparentemente um conflito de curta duração, prolongou-se por quatro anos, enfraquecendo as economias europeias e afetando frontalmente a Rússia cuja grande parte da mão de obra masculina estava no front reduzindo assim a força de trabalho na produção. A inflação, a escassez de alimentos e o descontentamento geral com a figura do czar, prepararam terreno para a realização de uma das mais extraordinárias experiências político-sociais e econômicas da história, a Revolução Bolchevique. (BLAINEY, 2008). No campo das relações institucionais a guerra de 1914 motivou a criação da Liga das Nações, o embrião da futura Organização das Nações Unidas.

O que torna o ambientalismo um forte candidato a ser lembrado como uma dessas respostas é a sua amplitude de significados e poder de ação. O ambientalismo é discutido no âmbito do desenvolvimento, da educação, da saúde, do urbanismo, da arquitetura e das artes. Expande-se na política, na mídia, constitui corpo legislativo e normativo e é parte importante na demanda das políticas de estado. É discutido nos diversos segmentos das mais diversas sociedades e recentemente se insere nos discursos dos estudos culturais e da filosofia.

Em novembro de 1974, Donald Johanson, e Tom Gray, vasculhando as margens do Rio Awash não muito longe de Addis Abeba, fizeram uma das mais espetaculares descobertas da paleoantropologia, encontraram o esqueleto quase completo de Lucy, um exemplar de *Australopithecus afarensis* de um metro de altura que viveu a três

milhões e meio de anos quando as savanas começavam a substituir as florestas no leste africano. (JOHANSON & EDEY, 1990). Lucy já era humana e embora possa não ser considerada hoje a mais antiga (BRUNET, 2002), tornou-se emblemática pela ampla divulgação na mídia mundial da época. Este achado provocou um recuo de dois milhões de anos na história até então conhecida da humanidade.

Nesta escala de tempo dos milhões de anos fica muito difícil definir onde as coisas começaram e terminaram, quantas tentativas foram feitas, quantos caminhos tiveram que ser trilhados até a conformação da civilização atual. A história mais recente vem sendo também contada pelos grandes eventos que caracterizaram certas épocas, e assim o périplo da humanidade vai sendo reconstruído. Como acontece conosco, algumas memórias do mundo se perderam para sempre, alguns fragmentos recuperados são agrupados em classificações que podem ou não contar tudo, ou mesmo nem se sustentarem no tempo e no espaço e a revelação de novas descobertas podem recontar uma mesma história, como aconteceu com Lucy. Foi assim com a cultura eurocêntrica que engessou a história e não permitiu que fosse contada de outra forma. A discussão atual sobre a historiografia eurocêntrica começa a nos mostrar que existia um mundo que também pensava além da Europa renascentista. (FRANK, 1998; CAREY, 2004; HOBSON, 2004).

O imaginário construído pela cultura eurocêntrica sobre o Oriente é extensivamente discutido na visão política de Said (2003). Ele critica principalmente o ataque inclemente aos povos muçumanos feitos pela cultura ocidental que os reduziu a estereótipos em função de um discurso de guerra auto afirmativo, de domínio e controle externos. A classificação dicotômica Oriente-Occidente discutida por Said exemplifica claramente os perigos destas generalizações e deslocamentos da história.

A ideia de classificação é muito antiga. Até o pensamento dos filósofos jônicos e um pouco depois, falava-se na unicidade e no devir, o logos de Heráclito. Os primeiros esboços de classificação aparecem com Empédocles de Agrigento (SEDGWICK & TYLER, 1950; COLLINSON, 2009) e continuam com Aristóteles no seu texto *Categorias* para depois serem ampliadas por Porfírio (ca. 2300 BP) na sua *Eisagoge* onde pela primeira vez aparece um sistema dicotômico classificatório do geral ao particular, a *Árvore de Porfírio*, que veio a ser mais tarde a base lógica dos taxonomistas do Renascimento. (POMBO,

1998).

A classificação taxonômica da natureza só veio se consolidar com Carl von Linné em 1758 no seu monumental *Systema Naturæ* onde pela primeira vez animais e plantas foram classificados segundo um sistema binomial que ordena gênero e espécie como a identificação precisa de um organismo. (BLUNT, 2004).

Esta febre da classificação tem início no Renascimento europeu quando houve a efervescência das artes, humanidades e ciências. O Islã espalhava-se pelo Mediterrâneo, no norte a Reforma, e as novas rotas marítimas de comércio tornavam possível o confronto entre as culturas da Ásia e da Europa. A dificuldade de apreensão deste novo mundo que se configurava em uma geografia restrita e com novas revelações continuamente superpostas no tempo implicou no desenvolvimento de uma nova metodologia do entendimento.

Quando Foucault (1994) discute as classificações, as considera como códigos ordenadores que orientam o homem fixando suas experimentações. De fato, quando discorre sobre a dificuldade dos historiadores em documentar a biologia no século XVIII, ele levanta uma questão inquietante relativa à força das classificações, afirmando que naquela época a biologia ainda não existia, aliás, a vida também não existia, o que havia eram seres vivos ordenados em uma história natural.

Com a cultura não foi diferente, o problema apareceu quando as nomenclaturas das classificações superaram os próprios significados ontológicos dos objetos, como disse Foucault ao se referir à biologia. Uma gigantesca coleção de vidas e experiências ficou pela força destas classificações reduzidas e simplificadas.

O problema fica ainda maior nas passagens, nos limites e intervalos, e amplifica-se enormemente quando se está vivenciado um destes períodos. Janson & Janson (1988), por exemplo, afirmam que o único consenso entre os historiadores quanto ao início do Renascimento foi quando as pessoas perceberam que não estavam mais na Idade Média. E por mais prosaica que possa parecer esta afirmação, foi no próprio Renascimento quando este termo foi cunhado para se autodesignar.

Situação semelhante enfrenta-se agora na passagem da modernidade para a contemporaneidade, este intervalo difuso e velado que se atravessa, o qual os

pensadores contemporâneos se esforçam tanto procurando classificá-lo e compreendê-lo. Connor (2004) discute a dificuldade de apreensão da pós-modernidade, ou contemporaneidade, levantando o problema da transitoriedade deste momento atual e critica a tendência de alguns em estabelecer uma dicotomia entre experiência e conhecimento, o que é pertinente, ninguém melhor que o experimentador para compreender o fenômeno no qual está inserido. Mas também pode não ser prudente ainda se atribuir nomenclaturas e classificações a este período uma vez que ainda é um não nascido de todo com seus contornos pouco definidos. Não quer dizer por outro lado que sintomas não existam e que sugerem uma nova ordem. Lyotard (2009) aponta para estes sinais no campo do conhecimento, o saber científico decodifica-se em discursos pelo domínio da linguagem e estrutura-se agora um pensamento performático que não se questiona, apenas as finalidades dos seus produtos são valoradas, decreta-se o fim dos grandes relatos humanísticos e da ciência, das verdades absolutas e das soluções unificadoras. No seu discurso mordaz, Eagleton (2005) já percorre os caminhos para a pós-modernidade visitando a economia e a política para anunciar a emergência dos negócios da cultura nesta era do capitalismo descentralizado, e a chama de fundamentalista pela força com que defende a diversidade e os esforços que faz para assegurar as identidades das sociedades tradicionais. Harvey (2010) vai utilizar-se de argumentos menos acres, mas nem assim pouco contundentes ao se referir à contemporaneidade como uma esquizofrenia, uma desordem, uma colagem de vários significados que viriam a substituir a emancipação e o domínio da natureza e a sua tradução exclusiva pela ciência na modernidade. O centro das ansiedades de Harvey aparece quando ele aponta a questão mais crucial e difícil do movimento pós-modernista que é seu relacionamento com a vida cotidiana. Isto obriga ao pós-modernismo, ou pelo menos os fragmentos da cultura que assim o define, a sair ao encontro das sociedades e identificar motivos para a sua sustentação no seio delas próprias.

O cânone da contemporaneidade é vasto, e cada pensador utiliza os mais diversos argumentos para construí-lo e legitimá-lo, acabando por colecionar um conjunto de relatos que aos poucos vão se articulando e tomando a forma de uma grande narrativa, outra classificação, e embora ainda sem hierarquias, não deixa de ser de âmbito universal.

Por mais apregoada que seja a ideia sobre o final das ideologias universais pelos pensadores da contemporaneidade, não há como não reconhecê-las. Novas configurações geopolíticas e econômicas aparecem na Europa, Oriente Médio e Ásia, e só o tempo dirá se elas terão grandeza suficiente para perdurar. A cibercultura extrapola o sentido de instrumento das suas formulações iniciais e assume a condição de uma ideologia que modifica o comportamento das sociedades, e o ambientalismo por sua vez, pela dimensão dos problemas que contempla, torna-se sem dúvida uma ideologia que veio para ficar.

O ambientalismo não é uma ciência. Tampouco pode ser definido como uma filosofia *strictu sensu* embora venha nos últimos 20 anos frequentando cada vez mais os debates filosóficos e os estudos culturais da contemporaneidade, firmando-se como uma ideologia, contrariamente ao que previa os discursos dos pensadores iniciais do pós-modernismo. O ambientalismo poderia ser definido como uma resposta das sociedades em escala global aos modelos de compreensão e apropriação da natureza que a civilização contemporânea adotou. Marcuse, H. (2009) já discutia esse apartamento quando falava da necessidade de uma cooperação mais afetiva com a natureza que reequilibrasse a relação apenas movida pelo interesse das atividades humanas:

A oposição entre homem e natureza, sujeito e objeto, é superada. O ser é experimentado como gratificação. O que une o homem e a natureza para que a realização plena do homem seja, ao mesmo tempo, sem violência, a plena realização da natureza. (p.151).

A herança dessa dualidade que foi característica da modernidade na cultura ocidental marcou os pensamentos iniciais do ambientalismo, referenciando-o como o homem cuidando da natureza. Isso contribuiu para os ambientalistas ainda hoje serem chamados por alguns de ecologistas.

A expansão atual do pensamento ambientalista amplifica o seu domínio para além da ecologia, e o projeta nos mais diversos campos do conhecimento. É importante também diferenciar pensamento ambientalista de ambientalismo. O pensamento ambientalista é uma postura de reconhecimento estético e científico da natureza que

remonta aos primórdios da civilização e teve o seu maior significado na modernidade com as descobertas da história natural, tendo o seu apogeu nos trabalhos de Linné e posteriormente quando Darwin [s.d.] publica a sua *Origem das Espécies* no início do século XIX e contradiz as ideias dos naturalistas da época que acreditavam que as espécies eram imutáveis e criadas separadamente. No Brasil colonial são extensos os relatos de visitantes naturalistas e as posições políticas de brasileiros sobre as pressões ambientais, atreladas ao uso da terra e ao abolicionismo. (PÁDUA, 2004). Já o ambientalismo implica em uma ação atrelada à militância da sociedade como nas ONG's e em outras organizações do terceiro setor, as atitudes de mudanças comportamentais dos indivíduos, às políticas de Estado ou àquelas incorporadas pelo setor produtivo.

Conquanto a definição de ambientalismo enunciada acima tenha caráter genérico e universal, é tradicionalmente reconhecido também pelos seus diversos conceitos e dos seus múltiplos *modi operandi* decodificados também em classificações. Leis (2004) o situa em três grandes categorias. A primeira o considera como a manifestação de grupos de pressão organizados para exercer demandas no seio dos sistemas políticos à exemplo dos *lobbies* tradicionais. A segunda categoria compreende o ambientalismo como o surgimento de um novo movimento social fundamentado em princípios éticos e normativos, contrário à ordem capitalista, aproximando-o a outras manifestações de ordem pacifistas e aos setores radicais. A terceira categoria caracteriza-o como um movimento histórico, considerando insustentável o modelo atual de desenvolvimento, incluindo neste as instituições, os valores consumistas e o crescimento econômico a todo custo. Essa terceira categoria definida por Leis aproxima-se mais de uma possibilidade real de produzir efeitos a curto e médio prazo, porque não exclui do seu significado as outras tendências entre a cooperação e o conflito.

Na visão de Santos (1992) as classificações voltam a aparecer, e situam o ambientalismo contemporâneo em etapas cronológicas a partir das contradições do final da modernidade, com a recusa aos modelos unificadores da cultura, à ciência fragmentada, o pacifismo antinuclear e o repúdio às guerras recentes. Santos chama a essa vertente de alternativa. Essa tendência começa a surgir nos Estados Unidos com um movimento de conotações niilistas e que ficou conhecido como a geração *beat* ou *beatniks*. Esta revolução contestatória ao *stablishment* teve em Jack Kerouac, Neal

Cassady, Allen Ginsberg e William Burroughs, os seus maiores expoentes. Embora Kerouac (2010), seja mais conhecido por *On the Road*, o seu romance mais famoso, no qual descreve a saga dos andarilhos pela zona rural norte-americana na década de 50, *Os Vagabundos Iluminados* (KEROUAC, 2004) faz a primeira abertura para a imersão da cultura orientalista e a contemplação estética da natureza na juventude americana. Os contínuos deslocamentos de costa a costa dos Estados Unidos, as experiências com a benzedrina e a maconha, e as narrativas sobre as paisagens dos lugares do interior visitados por este bando de *beats*, pavimentaram os caminhos para o que veio depois, a contracultura *hippie*, um movimento de expressão global que foi o embrião do ambientalismo na escala dos movimentos sociais. Talvez a grande fonte inspiradora desses movimentos alternativos pré-ambientalistas das décadas de 50 e 60 do século XX, foram os escritos de Thoreau (2010), principalmente em *Walden*, quando cria ainda nos meados do século XIX os primeiros fundamentos da economia do meio ambiente e da apologia à vida em contato pleno com a natureza.

Uma segunda categoria do ambientalismo, ainda segundo Santos (op.cit.), seria o neo-malthusianismo que pregava a limitação da população para assegurar a qualidade de vida indo até o extremo de condenar as ajudas financeiras e humanitárias do mundo industrializado ao Terceiro Mundo como forma de impedir o avanço demográfico. A terceira categoria já avança no campo das políticas de Estado na altura em que o Clube de Roma publica o Relatório Meadows recomendando veementemente a parada do crescimento econômico na direção do crescimento zero, foram os zeristas. Uma quarta categoria seriam os marxistas, na luta contra o consumismo e culpava o avanço industrial do capitalismo como o grande motor da degradação ambiental. Os verdes surgem na Alemanha como uma vertente político-partidária e pregavam uma economia voltada para as necessidades e não para o lucro, valorizava a ética e o ativismo, bem próximo de um eco-marxismo pacifista. Em seguida viriam os fundamentalistas defensores da *Deep Ecology*, partidários da natureza pela natureza, adeptos ao ecocentrismo. Finalmente o eco-tecnicismo que acreditava nas ciências e tecnologias para a solução dos problemas ambientais, muito parecido ao que o Relatório do Milênio (op.cit.) proclama como um dos cenários factíveis para o desenvolvimento sustentável, o *technogarden*. Embora estas

definições tenham uma cronologia, todas estas vertentes tem ainda seus seguidores e não é possível hoje definir o ambientalismo sem considerar esta variedade de conceitos.

O ambientalismo ampliou-se tanto conceitual quanto geograficamente nas últimas décadas e seus discursos são ouvidos em todos os estratos sociais e em todos os lugares. Por vezes é incorporado no imaginário das sociedades como uma abstração, quando o comprador de um imóvel se vê seduzido pela propaganda que lhe vende o verde, e mesmo que seja apenas na composição estética das perspectivas coloridas nos anúncios imobiliários ele não titubeia, vai morar mesmo é naquele anúncio, mesmo que na verdade o seu sonho esteja cercado de favelas, e que uma nesga do mar, só a muito custo, possa ser vista através do basculante da área de serviços.

Sob a égide do Desenvolvimento Sustentável, o capital vem adequando seus discursos para a expansão do mercado e do lucro, o que os ambientalistas franceses defensores do *decroissance* chamam de Capitalismo Verde. A depender de que lado do poder se está, a sustentabilidade tem significados distintos. Curioso é que no caso do ambientalismo, o poder não está localizado, não se atém somente aos militantes, às forças de produção ou às instituições, e como escreveu Foucault (2010), “O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado”, (p. 221), o que é saudável, assegurando com essa dispersão a permeabilidade de seus significados e modos de ação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O alcance atual do ambientalismo e sua permeabilidade por todos os campos do conhecimento e das sociedades o torna peça central para os debates e estudos culturais contemporâneos. Apesar da diversidade de conceitos e ações, não seria imprudente afirmar que o ambientalismo retoma e reconsidera hoje as discussões sobre as grandes ideologias universais. Falamos aqui não de ideologias terminadas e redutoras, o que está posto é uma revolução, a construção de uma nova ordem de poder nas sociedades, que irão precisar de um argumento forte para definir outra cultura de desenvolvimento compatível com o bem estar de toda a natureza. Significados de cultura e

desenvolvimento precisam ser reconsiderados. É necessário ampliar o conceito de cultura elevando-a de um patamar que considera apenas os objetos de criação para compreendê-la como uma força renovadora para um novo entendimento das sociedades e que venha a mudar por sua vez os significados do desenvolvimento.

Quando Guattary (1989) discorda da visão pós-modernista ao achar insatisfatória a práxis social que determina a morte das ideologias e de qualquer possível retorno a valores universais, e também não aceita a fragmentação do real imposta por esta mesma práxis entre o *socius*, o ambiental e a psique, afirma categoricamente a impossibilidade de se pensar o mundo sem o foco alternado entre a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental.

Por muitas que sejam as suas definições, contextos de ação e alcance, o ambientalismo não pode ser solução para a crise da contemporaneidade se não contemplar também essas três dimensões. A crise ambiental não pode mais ser considerada como unicamente a relação entre os que poluem ou degradam e os estragos produzidos por estas ações. Isto coloca o problema numa dualidade reducionista, como se as soluções dependessem apenas do aparato tecnológico e institucional. Entre esses dois extremos, situa-se o indivíduo com o seu entendimento e o seu juízo de valor. Não é possível se esperar uma reversão no atual cenário ambiental apenas pelas mudanças de regras internacionais ou mesmo por ações coercitivas no âmbito local, enquanto não for considerada a dimensão do indivíduo como o agente principal dentro da sociedade. Mudanças nessa ordem da razão não são esperadas em curto prazo, será muito difícil ajustar o discurso ambiental a uma prática efetiva que possa reverter as grandes alterações que estamos provocando ao ambiente. Por mais repetitivo que possa parecer, a única saída consistente será pela via da educação em todos os seus níveis. Teremos antes que formar educadores que incorporem nas suas experiências pedagógicas a real dimensão dos problemas que enfrentamos e a condição de vivermos em um planeta com as características singulares da Terra. Os conteúdos curriculares precisam sofrer uma transformação radical, contemplando disciplinas renovadas, tais como, a hibridação entre ética, filosofia e ecologia, maior aproximação entre os campos temáticos das ciências humanas e exatas, e experiências em vivências curriculares extraclasse, poderiam

desconstruir a visão encapsulada de mundo fomentada pelo modelo de educação tradicional.

## REFERENCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A Ilusão Vital**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A. 2001

BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Século XX**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda. 2008

BLUNT, Wilfrid. **Linnaeus: The Complet Naturalist**. London: Frances Lincoln Ltd. 2004.

BRUNET, Michel, et al. **A New Hominid from the Upper Miocene of Chad, Central Africa**. Nature, 418, 145-151. 2002

CAREY, Daniel. **Asia Travel in the Renaissance**. Malden: Blackwell Publishing, Ltd. 2004.

COLLINSON, Diané. **50 Grandes Filósofos: Da Grécia Antiga ao século XX**. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

CONNOR, Steve. **Cultura Pós-Moderna: Introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. Porto: Lello e Irmãos – Editores. [s.d].

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A. 2005

FOUCAULT, Michel. **The Order of Things**. New York: Vintage Books Edition. 1994.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Edições Graal Ltda. 2010.

FRANK, Andre Gunder. **ReOrient: Global Economy in the Asian Age**. California: University

*Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade | vol.3 n.2 | jan/jun 2013*

of California Press, Ltd. 1998.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas SP: Papirus. 1990.

HABERMAS, Jürgen. **O Futuro da Natureza Humana**. São Paulo: Martins Fontes. 2004

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola. 2010.

HOBSON, John M. **The Eastern Origins of Western Civilization**. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

IPCC. **Synthesis Report: Contribution of Working Groups I, II and III to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change**. Geneva: Intergovernmental Panel on Climate Changes. 2007.

JANSON, H.W.; JANSON, Anthony, F. **Iniciação à História da Arte**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA. 1988.

JOHANSON, Donald & EDEY, Maitland. Lucy: **The Beginnings of Humankind**. New York: Touchstone. 1990.

KEROUAC, Jack. **Os Vagabundos Iluminados**. Porto Alegre: L& PM POCKET. 2004.

\_\_\_\_\_ **On The Road: Pé na Estrada**. Porto Alegre: L& PM POCKET. 2010.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio. 2009.

LEIS, Héctor Ricardo. **A Modernidade Insustentável: As Críticas do Ambientalismo à Sociedade Contemporânea**. Montevideo: Coscoroba Ediciones. 2004.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LCT- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 2009.

MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT. **Ecosystems and Human Well-being: Synthesis**. Washington: Island Press. 2005.

POMBO, Olga. **Da Classificação dos Seres à Classificação dos Saberes**. Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, nº 2, Primavera, pp. 19-33. 1998.

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/publicacoes%20opombo/publicacoes.htm>

Acessado em: 13/11/2012.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SANTOS, Selene de Souza Carvalho Herculano dos. **Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz**. In: Ciência e Política, Mirian Goldenberg (coord.). Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992, pp. 9 – 48).

[http://www.professores.uff.br/seleneherculano/images/stories/Do\\_developemento\\_insuportavel\\_sociedade\\_feliz.pdf](http://www.professores.uff.br/seleneherculano/images/stories/Do_developemento_insuportavel_sociedade_feliz.pdf)

Acessado em: 13/11/2012.

SEDGWICK, W. T. & TYLER, H. W. **História da Ciência: Desde a Remota Antiguidade até o Alvorecer do Século XX**. Porto Alegre: Editora Globo. 1950

THOREAU, Henry David. **Walden**. Porto Alegre: L&PM POCKET. 2010.